



VII Simpósio Nacional de História Cultural
**HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO,
LEITURAS E RECEPÇÕES**

Universidade de São Paulo - USP

São Paulo - SP

10 e 14 de Novembro de 2014

FESTA DA MELANCIA EM NAZARÉ

Márcia Nunes Maciel*



Fonte imagens: <http://www.napra.org.br/comunidades-apoiadas/nazare/>

Este artigo é resultado de um trabalho de campo da pesquisa *Senhoras da Amazônia: Mulheres guardiãs da tradição de uma comunidade afetiva*. No decorrer da pesquisa haviam sido vivenciadas as festas de santos, faltando apenas a festa da melancia que foi registrada em agosto de 2013. Nessa viagem de campo a co autora do artigo, Roberta Mageski, fez sua experiência inicial de pesquisa em comunidade às margens do Rio Madeira e acompanhou a gravação das entrevistas, as conversas informais, as

* Autora: Márcia Nunes Maciel (Mura). Faz parte do Instituto Madeira Vivo, é pesquisadora do Núcleo de Estudos em História Oral e doutoranda em História Social/USP – Universidade de São Paulo. Coautora: Roberta Mageski, estudante de graduação em Ciências Sociais na Universidade Federal de Rondônia.

observações durante a festa e fez as transcrições das falas. Como pode ser constado no decorrer das reflexões apresentadas no artigo não há nenhuma citação direta a uma teoria ou autor, embora algumas referências de procedimentos e concepções teóricas vindas da história oral, antropologia, geografia, numa perspectiva subjetiva de espaço, lugar, comunidade, atravessadas pelas discussões feitas sobre cultura.

As concepções de espaço, lugar, comunidade que aqui são apresentadas ao mesmo tempo em que aparecem como localização física também é uma formação de relações afetivas, políticas, culturais e econômicas. Essas questões estão problematizadas na pesquisa de mestrado *O Espaço Lembrado: Experiências de vida em Seringais da Amazônia* onde é colocado em diálogo a perspectiva de história oral na linha de Jose Carlos Sebe Bom Meihy (2005), com a fenomenologia da percepção de espaço de Yfu Tuan a partir de sua obra *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*, (1980), dentre outras discussões teóricas, a percepção de interpretação das culturas como representações de representações de Gliford Geertz (1989).

A comunidade de Nazaré se situa à margem esquerda do Rio Madeira, estando cerca de 200 quilômetros de Porto Velho, o que corresponde em torno de seis horas de viagem de barco, descendo o rio sentido Humaitá-AM. Atualmente, antes da enchente que inundou as comunidades era possível ir de carro até a comunidade de São Carlos e de lá pegar uma voadeira para chegar até Nazaré, alguns preferiam esse trajeto, por ser mais rápido, enquanto a viagem de barco dura seis horas, a viagem que era feita uma parte por terra e outra por água durava aproximadamente umas duas horas e meia. A viagem de barco proporciona uma vivência com a temporalidade do rio, enquanto o barco vai navegando é possível descansar na rede, conversar com os demais viajantes, olhar as paisagens, ver os lugares à beira do rio.

Na viagem que realizamos em agosto de 2013 para registrar a festa da melancia na comunidade de Nazaré ainda era possível se encantar vendo uma casa rodeada de árvores, mais recuada das margens do rio, apesar do processo de desmoronamento desses espaços, causado pela construção das hidrelétricas que modificaram o rumo e ritmo do rio, ter iniciado. A paisagem com casas à beira do barranco, árvores e demais plantações se aproximando dos desbarrancamento/desmoronamento, mostrava um cenário que se agravou em Junho de 2014, quando no decorrer da viagem de barco era possível ver apenas as imensidões de água no lugar das casas nas beiras dos barrancos e portos com movimentos de carregamento de produções, descarregando mercadorias, circulação de

peças embarcando e desembarcando e pessoas nas beiras dos barrancos observando e acenando quando o barco partia. O barco passava bem longe das margens dos rios e do antigo porto da comunidade de São Carlos que antes foi tão movimentado.

Na comunidade de Nazaré antes da enchente que durou de Fevereiro a Maio de 2014, as festas tradicionais relacionadas as festas dos santos e as culturais atraíam um público grande da cidade de Porto Velho. Dentre essas festas a da Melancia é vista por muitas pessoas de fora apenas como uma festa comercial promovida por instituições ligadas a agricultura, mas ao conversarmos com as pessoas da comunidade durante a realização da festa em agosto de 2013 foi possível percebê-la como um espaço que está ligado a praticas de sustentabilidade em que os modos de produzir mantêm concepções tradicionais em diálogo com as técnicas de agricultura mecanizadas, além de propiciar a relação entre comunidades vizinhas das margens do rio. Nesse espaço da festa se dão as relações de gênero na divisão dos trabalhos percebidos na exposição dos produtos, mas também é um espaço de apresentações culturais que expressam a cultura do lugar e das que são construídas a partir do modelo de outras festas ou festivais culturais vindas das cidades.

A partir das conversas gravadas durante a festa da melancia de agosto de 2013 procuramos entender a relação da festa da melancia no contexto dos modos de vida da comunidade, nesse sentido, procuramos entender a partir da percepção dos entrevistados como que surgiu a festa da melancia? Como é feita a plantação da melancia e quais os saberes que são mantidos ou não pelos modos de fazer as plantações.

Entrevistamos três homens que fazem parte da comunidade de Nazaré e uma mulher da comunidade de Curicaca que se destaca na participação do concurso da maior melancia produzida e no concurso de degustação de doces derivados da melancia. Todos eles se referem ao surgimento da festa como uma necessidade de organizar e aumentar a produção da melancia para a comercialização, somente uma das pessoas que conversamos sem gravação que se remeteu a origem da festa como iniciativa de uma liderança da comunidade com o objetivo de reunir e organizar uma feira comunitária na época da melancia. Como na conversa com seu Sales que é comerciante na comunidade há uma recorrência de uma referencia a um mercado de exportação de melancia para Manaus escolhemos o trecho da sua fala que explica a origem da festa da Melancia:

Tinha um mercado em Manaus, né, ai o atravessador veio comprar e a produção era pouca e Manaus quer quantidade e em cima disso ele me

chamou pra criar uma festa pra chamar a atenção dos governantes, dos políticos né... Ai a gente concordou com ele, ai a gente fez um convite pros produtores interessados em aumentar a produção, né, chamamos o governador ele cedeu uma máquina pro agricultor trabalhar porque manual é muito ruim pra fazer grande produção, foi em cima disso ai que começou... (Sales, 65 anos é de 1960).

A partir das conversas gravadas, da observação e da nossa interação com as pessoas que estavam fazendo parte da feira, expondo seus produtos alimentares, seus artesanatos com temática da melancia e as que estavam fazendo suas apresentações culturais percebemos que a festa da melancia não está desvinculada das práticas culturais da comunidade apesar das interferências de valores culturais vindo de fora. Por meio dos fragmentos das falas apresentados é possível perceber que há uma apropriação das técnicas mecanizadas, havendo também algumas adesões do uso de remédios industrializados para cuidar da plantação, no entanto, a concepção do cuidado e da observação da natureza como aliados para uma boa produção se mantém.

Sales:

Rapaz eu acho que hoje assim o que contribui mais com a produção é a máquina, porque hoje o jovem planta e não tem mais aquela dificuldade... Agora vou falar diretamente, também acabou aquela fase do inferno, hoje todo mundo pensa nas coisas mais fáceis né? Hoje vou te dizer que é difícil de escrever porque tem o computador, quer dizer no manual não se produz mais nada [...] Os antigos não tinha não essa visão mítica da produção, o que a gente tinha era coisa da cabeça da gente mesmo, não queimar a terra, não tirar as coisas tudo, fazer tudo manual, porque quando você queima a terra ela resseca né (Sales, 65 anos é de 1960).

A ideia de que a cultura não é estagnada e de como é importante saber fazer uso das tecnologias sem descartar as tradições está presente na concepção de produção das pessoas que foram entrevistadas. Seu Sales nós ensina a ver as comunidades tradicionais no contexto das inovações tecnológicas, quando ele diz: [...] *hoje todo mundo pensa nas coisas mais fáceis né? Hoje vou te dizer que é difícil de escrever porque tem o computador, quer dizer no manual não se produz mais nada...* Pode ser entendido, que ele está nos dizendo que assim como não é mais viável escrever um livro a tinta e a pena como se escrevia antes da invenção da máquina de datilografar e depois com a invenção do computador, também não é possível fazer um roçado, fazer uma plantação de melancia em grande quantidade para comercializar e gerar renda familiar autossustentável. Isso mostra bem o constante movimento das culturas, sem, no entanto, se desligarem do

conhecimento da natureza para perceberem as mudanças ocorridas no meio ambiente que interferem no tempo e nos modos de plantação.

Os conhecimentos tradicionais de observação e uso da natureza para a plantação da melancia ou mesmo de outros produtos que fazem parte da subsistência alimentar e da produção para comercializar estão enfatizados na fala de seu Adalberto que é um senhor mais velho da comunidade e matem seus conhecimentos tradicionais no modo de plantar e na de dona Miraci que se mostrou muito ligada as fases da fertilidade da terra mantida pelo rio madeira:

Adalberto:

Pra terra ficar fértil pra plantar tem que ta arada... Rapaz, eu mesmo não uso nenhum produto, já o pessoal ai tem é remédio... Pra lavrar a terra, eu faço é cuidar da terra pra ela poder produzir [...] Tem a lua pra plantar, a gente procura a lua certa, quarto crescente, a mandioca ela engrossa com a quarta crescente, na lua minguante ela fica fininha e não presta não, pois é então eu sou professor dessas coisas... (Adalberto Ferreira Gomes, 69 anos).

Miraci:

O que ajuda na produção é a preservação do meio ambiente, ao invés de queimar as nossas áreas de terra vamos deixando tudo pra fazer o estrumo... O ano que da mais verão nós temos como produzir e plantar em mais etapas, mas o ano que chove muito não dá. O que interfere muito na produção é O nosso rio madeira, sem o rio madeira nós não tinha uma boa terra, porque nossa terra é a ariuda e quando ele sai ele limpa a terra... (Miraci oliveira de Souza presidente da associação de produtoras, aproximadamente 40 anos).

Mesmo o Ednildo que admite que haja o uso de produtos para cuidar das folhas e do fruto e da necessidade de arar a terra, enfatiza primeiramente que o tamanho das melancias é resultado de uma terra boa:

As melancias grandonas que ganham o concurso de maior melancia elas crescem porque a terra é boa mesmo. A gente usa nela o adubo né, que é o NCK, tem o ouro verde que é pra folhas e tem o que é pra melancia mesmo e tem que trabalhar na terra, porque a terra é boa, mas se a gente não conseguir arar a terra, a gente não vai conseguir tratar a terra, a gente não vai ter um produto de boa qualidade. (Ednildo, aproximadamente 50 anos de idade).



Foto: Márcia Nunes Maciel (Mura)
Competição de quem come mais melancia.



Foto: Márcia Nunes Maciel (Mura)
Cortes de melancia para degustação gratuita sem limite de quantidade.

O que apresentamos aqui são algumas observações iniciais sobre a festa da Melancia na comunidade de Nazaré.



Foto: Márcia Nunes Maciel (Mura)
Artesanatos e doces com temática da melancia.

A primeira vista é uma festa vinda de fora, mas que ao vivencia-la passa a ser vista como uma maneira em que as comunidades que fazem parte dela se apropriam da estrutura trazida pelas instituições e transforma o espaço da festa num lugar para reunir os produtores de diferentes comunidades às margens do rio que produzem melancia, moradores antigos e mais recentes, crianças, jovens, adultos, artistas locais e apresentarem sua inventividade na produção de doces, licores e artesanatos derivados e com temática da melancia.

ESPAÇO DA FESTA DA MELANCIA



Fotos: Márcia Nunes Maciel (Mura)

Os homens predominam na produção da melancia, mas também há a participação das mulheres, já na produção dos doces, licores, artesanatos são as mulheres que predominam e trazem receitas próprias e criativas como a do churrasco de melancia que é feito em formato de pedaços de carne cortados e enfiados em espetinhos. Nas atividades culturais, há a participação das famílias. Em algumas atividades de entretenimento, embora havendo a importação de elementos de festas e festivais de cidades, como no caso do desfile e a premiação da menina melancia mais caracterizada e mais bonita, (conforme um padrão ocidentalizado) há lugar para a participação das meninas com características regionais e vestimentas artesanais.

Por fim, o que podemos dizer de forma parcial é que a festa da melancia é um espaço em que o tradicional e o moderno se entrelaçam e mantém uma autossustentabilidade na geração de renda que contribui que se mantenham em seus

espaços. Atualmente essa autossustentabilidade foi interrompida pela sobreposição do suposto desenvolvimento econômico que chegou à região sem considerar seus modos de vida. No ano de 2014 não houve a festa da melancia porque no tempo da plantação as comunidades estavam submersas de águas, desequilíbrio ambiental que provocou enchentes devastadoras causadas pela construção das hidrelétricas no rio Madeira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LCT, 1989.

MACIEL, Márcia Nunes. **O Espaço Lembrado: Experiência de Vida em Seringais da Amazônia**. Manaus: EDUA, 2012.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. São Paulo: 5ª. ed. Loyola, 2005.

TUAN, Yfu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: Difel, 1980.

<http://www.napra.org.br/comunidades-apoiadas/nazare/>



História Cultural